

## INDIGNAÇÃO A BALA PERDIDA

Valter Rodrigues é doutorando em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na PUC-Rio.

E-mail: [alpoetaval@gmail.com](mailto:alpoetaval@gmail.com)

Eu aceito tudo nessa vida, menos morrer de bala perdida.  
Escapa à minha tolerância, esta possibilidade tão nefasta  
E eu não posso ser complacente.  
Por fome e sede – sem falar de outras mazelas que por lá são bem sortidas –  
Mãe já veio do norte corrida,  
Com mais eu, de contrapeso, chacoalhando na barriga.  
Aqui, moleque descalço e sem camisa,  
No vento e na lama, cresci resistente aos vírus vários  
Que impregnam o lado carente da “cidade partida”  
E agora, depois de tanto nadar contra a corrente,  
Depois de tanto chutar bola pra frente,  
Quando chego mesmo a crer que posso algum dia ser gente,  
Uma criatura mal parida puxa a esmo um gatilho,  
Me encontra a tal bala perdida  
E vai a minha vida pro ‘carilho’.  
Imagina só a cena: resolvo dar uma volta,  
Um rolé, uma caminhada, um cinema, tudo lindo, parece um poema;  
Lá vou eu passeando, sorrindo, crente que tô abafando,  
De repente, aquele baque!  
Sinto algo escorrer quente, passo a mão, tô sangrando,  
Penso alto: pô é PAF! (Perfuração por Arma de Fogo)  
Então vai tudo rodando, as vozes vão se calando,  
Nenhum neurótico buzinando, é...  
Deve ser mesmo o fim.  
As luzes vão se apagando, apagando...  
Que coisa mais descabida!  
Quando eu partia pra beber uma gelada, a chapa esquentou pro meu lado  
E o fato foi consumado: morri de bala perdida.  
Podia ter sido no parto, criança subnutrida.  
Ou antes, num aborto espontâneo,  
Era menos um conterrâneo correndo atrás de comida.  
Podia ter sido gangrena das inúmeras feridas;  
Silenciosamente, durante uma noite de sono serena e bem dormida;

Num piripaque repentino por artéria entupida;  
Dilacerado por um pitbull, à base de mil mordidas;  
Em combate no Iraque, resistindo aos ianques,  
Diante dos tanques, gritando, lutando... tivesse esse destino!  
Tombando na Faixa de Gaza como um bom palestino;  
Que fosse por qualquer causa, não por acaso!  
Nem por descaso.  
Descaso de Deus, descaso dos homens que se julgam deuses,  
Descaso de nós mesmos, que endeusamos todos eles,  
Com essa nossa mania medíocre de endeusar tudo.  
Por tudo isso, eu não posso estar mudo,  
Nem dizer coisas medidas.  
E assim, sem gaguejar, praguejo em voz alta e bom tom:  
Que má sorte mais fodida!  
Perdão pelo palavrão, mas é a indignação; não aceito, não aceito.  
Desde o primeiro suspiro, eu aprendi, já bem cedo,  
Que nunca ia ter mesmo direito a muitas escolhas na vida.  
Mas na hora da partida, com tantas e tantas e tantas outras formas de expirar,  
Eu jamais vou aceitar morrer de bala perdida.